

Analice Dutra Pillar
Maria Helena Wagner Rossi
Fabiane Villela Marroni
Organizadoras



**DIÁLOGOS
ENTRE
EDUCAÇÃO
E ARTE**

GEARTE 25 ANOS

EDITORA TEXTOS

**DIÁLOGOS
ENTRE
EDUCAÇÃO
E ARTE**

GEARTE 25 ANOS

**Analice Dutra Pillar | Maria Helena Wagner Rossi |
Fabiane Villela Marroni**

Organizadoras

**DIÁLOGOS
ENTRE
EDUCAÇÃO
E ARTE**
GEARTE 25 ANOS

EDITORA TEXTOS

Copyright © GEARTE, 2022

Editora Textos [desde 2005]

Contato: editoratextos@gmail.com

www.editoratextos.com.br

Pelotas, RS

Os dados e a completude das referências e figuras dos capítulos são de inteira e única responsabilidade de cada autor(a).

Projeto gráfico e diagramação: Textos projetos editoriais

Capa: Umbelina Maria Duarte Barreto

Presidente do Conselho Editorial

Marcos Villela Pereira

Conselho Editorial

Ana Claudia Mei Alves de Oliveira (PUC-SP) • Anamélia Bueno Buoro (CPS-PUCSP) • Eric Landowski (CNRS | França) • João Ciaco (CPS-PUCSP) • José Luiz Fiorin (USP) • Marcelo Machado Martins (UFPE) • Moema Rebouças (UFES) • Yvana Fechine (UFPE)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Diálogos entre educação e arte [livro eletrônico] : Gearte 25 anos /
organização Analice Dutra Pillar, Maria Helena Wagner Rossi,
Fabiane Villela Marroni. -- Pelotas, RS :
Editora Textos, 2022.
PDF.

Vários autores.
ISBN 978-65-999045-0-9

1. Artes 2. Educação 3. Gearte – História 4. Professores –
Formação I. Pillar, Analice Dutra. II. Rossi, Maria Helena Wagner.
III. Marroni, Fabiane Villela.

22-132760

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação e arte 370.1

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

REPRESENTAÇÕES DO CORPO EM CINCO LIVROS DIDÁTICOS DE ENSINO DE ARTE

Celso Vitelli

Entre os temas mais constantes, além das interrogações sobre a natureza e estatuto do corpo, encontra-se o questionamento sobre seus limites, sobre as antigas, apaziguadoras e hoje duvidosas fronteiras entre o individual e social, masculino e feminino, vida e morte, natureza e cultura, natural e artificial, presença e ausência, atualidade e virtualidade. (SANTAELLA, 2004, p. 28).

O tema *corpo* promove imbricações de variados discursos relacionados a múltiplos conceitos. Em diferentes períodos históricos, sabemos como os estudos sobre corpos de distintas idades, sexo, raça etc. foram e são importantes para a compreensão de díspares sociedades e culturas. Assim, a palavra “corpo” não recebe sentidos somente pelos discursos proferidos em cada época, mas pode ser por eles constituída. Desta forma, faz-se importante examinar essas pluralidades discursivas sobre os corpos esboçadas nas mais variadas narrativas, imagens das mídias, fotografias, história da arte, livros didáticos, demarcando desta forma, superfícies de emergência, mostrar onde elas podem surgir e serem fecundas para o exercício analítico. No

caso deste artigo, concentro um esforço no estudo dos corpos e como estes aparecem nos livros didáticos de ensino de arte no ensino fundamental.

O que me instiga a estudar criticamente o corpo nos livros didáticos da área de artes e suas relações com outros conceitos é pensar também na problematização dos discursos que circulam em torno de diferentes corpos, especialmente aqueles que vêm construindo memórias corporais. Assim, somos convocados a pensar sobre a multiplicidade de representações corporais incorporadas por estilos de vidas que nos identificam ou não com os grupos aos quais pertencemos. Débora Lupton (2000) explica, por exemplo, que a ênfase em um estilo de vida cada vez mais ativa está intimamente relacionada à ampliação das responsabilidades do sujeito no que refere à administração do seu bem-estar. A autora lembra, complementarmente, que não são somente as atividades do Estado contribuem para a regulação dos corpos “por meio de uma governamentalidade, mas uma miríade de outras instituições e locais sociais: a mídia e a cultura das commodities, a família, a escola, o sistema judiciário” (LUPTON, 2000, p. 19). Certos livros didáticos reservam um espaço bastante significativo sobre o tema corpo. Mariana Thomas, em seu estudo sobre livros didáticos, informa que o livro *Arte em interação*, recomendado para o ensino médio, em volume único, de 2013, tem 400 páginas e dedica 41 delas ao tema do corpo:

O capítulo 5, “linguagens do corpo”, com 41 páginas, apresenta o corpo transgressor, visões sobre o corpo e artes do corpo. A imagem do cantor Ney Matogrosso, abre o capítulo, e na página seguinte, destaca-se a letra de uma música chamada *Homem com H* interpretada pelo referido artista. Após, há o início do texto *Corpo Transgressor*. (THOMAS, 2018, p. 91).

Nessa direção, este artigo resulta de uma pesquisa desenvolvida entre os anos de 2016 e 2018 que investigou certas representações de corpos em livros didáticos de ensino de arte, ou seja, como são eles apresentados, discutidos ou não e problematizados. A metodologia empregada se ocupou da análise de cinco coleções voltadas para o ensino de artes no ensino fundamental. São elas: *Projeto Mosaico* (2015); *Por toda Parte* (2015); *Projeto Araribá: Arte* (2014), *Tear* (2015) e *A Arte de fazer Arte* (2015). Algumas questões que nortearam a pesquisa foram: por que certas representações de corpos (na arte ou no cotidiano) passam a ser mais valorizadas do que outras e, assim, compõem em maior quantidade o conjunto de imagens dos livros didáticos de ensino de arte? Quais são os conceitos que se movimentam e as relações que fazem os livros didáticos de ensino de arte sobre o tema corpo? Quais as conexões que as imagens dos livros didáticos de ensino de arte fazem com temas como o da inclusão e exclusão de determinados corpos, tanto na arte como no cotidiano?

Para a análise do material selecionado fez-se recortes em capítulos específicos dos livros que tratavam do tema principal abordado pela pesquisa (representação dos corpos nos livros didáticos), explorando a maneira como tais livros apresentavam a temática. O conceito de representação não é simples nem único, mas, para esta pesquisa, a pensar nesta palavra, seria sobre a significativa presença dos corpos nos diferentes livros didáticos que foram analisados. Ou seja, o desejo de ver essa presença nas distintas representações, discursos em torno dos corpos apresentados nos livros didáticos em recorte. Penso que, quando estamos sendo representados, desejamos ser mostrados de forma em que possamos nos identificar como parte de algo. E como os livros didáticos circulam em inúmeras escolas brasileiras, será que nossos jovens, crianças, por exemplo, veem-se representadas em certas

imagens? Porque quando corpos de crianças, jovens, mulheres etc. estão sendo representados em livros didáticos, por exemplo, essas imagens passam a fazer parte do repertório artístico dos estudantes e professores/as que usam os livros em seu cotidiano.

Nesse caminho, dos autores que tratam sobre o conceito de representação, a que mais se aproxima do que penso sobre o tópico é Kathryn Woodward (2000). Ela discute o conceito de representação e as suas articulações com o conceito de identidade e diferença. Para a autora, “a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito” (2000, p. 17). Considera ela que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo que podemos nos tornar. Também salienta que os sistemas de representação constroem lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. Kathryn Woodward lembra que as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. Acredito, por meio dessa premissa, que o que procurei explorar com esse conceito foi pensar um pouco sobre essa argumentação, do poder que inclui(u) e exclui(u), no caso, certas representações de corpos nos livros didáticos.

Assim, averigui, através das questões já mencionadas acima, de que modo os livros didáticos apresentavam (ou não) respostas a essas perguntas. Interessou-me, ainda, explanar sobre as multiplicidades dos conceitos de beleza e feiura atrelados aos corpos e, futuramente, em uma nova pesquisa, existe a intenção de, no diálogo com estudantes, analisar de que forma as imagens apresentadas sobre tais conceitos promovem reflexões e questionamentos a eles.

Acredito ser importante considerar a forte influência que o livro didático exerce, não só na construção do conhecimento, mas também na formação da personalidade e opiniões pessoais de estudantes e professores/as. Para Mariana Thomas (2018), “o livro acaba por compensar as fragilidades na formação docente – em especial em áreas nas quais a formação pedagógica é restrita, sendo o foco direcionado para o conhecimento específico” (2018, p. 78). Os conceitos acerca de livros didáticos também foram explorados e reflexões importantes emergiram através de autoras como Gisele Silva (2009), que traz, em sua dissertação de mestrado, alguns questionamentos sobre o tema, tais como: “de que modo os livros didáticos apresentam, organizam e sequenciam o conhecimento – texto/imagem – em arte?” e “como os alunos percebem, interpretam e reagem aos conteúdos do livro didático?”.

O predomínio de abordagens genéricas sobre os corpos nos livros didáticos

A fim de um maior aprofundamento sobre as questões estéticas dos corpos, outra fonte referencial da pesquisa foi o autor Umberto Eco (2004), que, em seus livros *História da beleza* (2004) e *História da feiúra* (2015), discorre acerca da inconstância destes temas, classificando-os como juízos variáveis geográfica, histórica e culturalmente. Tal matéria não foi explorada totalmente nesta pesquisa, porém pretende-se também aprofundá-la ainda mais, examinando outros livros didáticos de ensino de arte. Ainda assim, alguns achados da pesquisa indicam que as inconstâncias abordadas por Eco (2004, 2015) não são contempladas nos livros, assim como a carência de questionamentos sobre os corpos apresentados, que se mostrou unânime nas coleções examinadas. Na unidade nove do livro *Projeto Araribá: Arte*, 2014, destinado ao 6º ano do ensino fundamental,

observou-se que, por exemplo, mesmo com uma breve abordagem sobre o tema “corpo”, o livro não trata em nenhum momento das mudanças sofridas pelos corpos por meio dos padrões estéticos. As perguntas, quando existentes, voltam-se inteiramente para uma leitura de imagem bastante óbvia e as obras utilizadas para representar o tema do capítulo são as mesmas encontradas repetidamente em diversos livros (*Poseidon* [Séc. II A.C.], de Cyclades; *O Nascimento de Vênus* [1483], de Botticelli e *As grandes banhistas* [1887], de Renoir). Ao versar sobre a Idade Média (período repleto de criaturas híbridas monstruosas representando as penas infernais), o livro dessa Coleção se detém apenas em informações sobre os preceitos religiosos e da banalização do corpo, designando apenas meia página para o assunto. A partir disso, percebe-se que, mesmo quando possui significativa importância e é frequentemente representada em um determinado período artístico, a feiura fica totalmente escanteada, não aparecendo nem mesmo em obras de artistas cânones, como as de Caravaggio.

Na *Coleção Tear*, volume do 6º ano, certos corpos são representados, eventualmente, pelo seu movimento nas mais diferentes ações, por exemplo, através de um malabarista, em que os autores chamam a atenção dos leitores [estudantes e professores] acerca do fato de que, nesse corpo em ação nas ruas, “existe arte”. Como afirmam os autores, “preste atenção nos outdoors, grafites, dançarinos, músicos, malabaristas e palhaços. Certamente você encontrará arte!” (TEAR, 2015, p. 46). Esse corpo adornado, fora dos museus, é apresentado nesse livro como arte. Assim, podemos pensar em problematizar a glamorização de certos personagens presentes nos livros que, ao mesmo tempo, convocam-nos a pensar sobre a multiplicidade de representações corporais incorporadas por estilos de vidas que nos identificam ou não com os grupos aos quais

pertencemos e que podem, ao mesmo tempo, ser considerados uma forma de arte. Notou-se recorrentemente, nessa mesma Coleção, uma valorização da arte de rua. Na página 59, desse mesmo livro, consta a imagem de um grupo de jovens praticando *street dance* na Coreia do Sul. Ainda nessa linha, do corpo que se move, que posa, a imagem fixa de um grafiteiro trabalhando sua imagem em uma parede está representada em outra página, onde encontramos a informação de que o grafite “é um bom exemplo para pensarmos a arte ao nosso redor” (TEAR, 2015, p. 60).

Desses excertos examinados dos livros é possível inferir que o que acontece com muitas análises dos livros didáticos de ensino de arte é semelhante a certos livros de outras áreas, como os de História ou Educação. Segundo Iara Bonin (2010, p. 80), estes “privilegiam abordagens genéricas”. No caso da História, quando se trata do tema “índios”, por exemplo, muitas abordagens são “alicerçadas em versões oficiais dos acontecimentos históricos, que legitimam processos coloniais e genocídios, nomeando-os como atos de bravura, coragem, ousadia do conquistador” segundo a autora (BONIN, 2010, p. 80).

Nas páginas 61 e 62 do livro do 8º ano, que pertence à *Coleção Por toda a Parte*, organizado por Solange dos Santos, Utuari Ferrari e outros autores, a ilustração de um *Uakti* procura não limitar as experiências dos jovens somente ao contato direto com obras de arte que estão em museus ou galerias, mas leva a pensar em como tem acontecido a arte em encontro com o corpo humano em diferentes culturas. Nessa direção, os autores/as acreditam que “esses encontros acontecem na ornamentação doméstica até a vestimenta corporal, desde as tatuagens primitivas e pinturas rupestres até aos cosméticos contemporâneos” (PNLD 2017: Arte, p. 13)¹. Contudo, o texto no livro refere a esse

¹ Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/pnld-2017/>. Acesso em: 28 out. 2016.

“ser” como sendo um “monstro”. Acredito que faltaria saber mais sobre tal lenda para não deixar como informação somente essa associação entre um “índigena ser igual monstro”. Assim, os estudantes de diferentes idades do Brasil poderão ter a possibilidade de rever suas culturas, conhecer as que não conheciam e analisar modos de vida próximos deles e outros, mais distantes de si, entretanto, não menos importantes. É importante apresentar imagens, sejam elas de diferentes mídias, obras de artes consagradas ou não, que problematizem o tema da violência, os estigmas sociais, que construam uma postura crítica frente à valorização de determinados ícones. Ainda:

[...] o corpo, aparentemente delimitado pela pele, carrega nossa identidade, o que somos, acreditamos e fazemos. Muito mais do que um organismo, o corpo é um espaço e um tempo que diz mais do que o avistado na pessoa. No corpo são inscritas as narrativas de todos os povos e culturas que o geraram e o tornaram como é. (PNLD 2017: Arte, p. 29).

E sobre a imagem de *Uakti* é preciso lembrar que:

[...] há corpos de muitos tipos, advindos de muitas etnias, moldados por hábitos e costumes muito diferentes. Se pensarmos em extremos, é possível dizer que há corpos grandes e corpos pequenos; há corpos quietos e corpos agitados; há corpos curvilíneos e corpos retos; há corpos incólumes e corpos acidentados; porém há corpos retos e ao mesmo tempo curvilíneos, nem grande e nem pequenos, de modo que é muito difícil dizer, afinal, o que um corpo é. (PNLD 2017: Arte, p. 29).

A *Coleção Mosaico* traz na página 54, no livro do 9º Ano, o tema da luta corporal de povos indígenas Kamayorá. O livro propõe uma série de perguntas para os estudantes. Porém, estas não exploram o tema do corpo sob os aspectos das diferenças, por exemplo, elas não suscitam qualquer questionamento ao senso comum, detidas no nível “curiosidade sobre as obras”. As perguntas não se aprofundam no tema do corpo e suas relações com outros temas, como os das culturas

indígenas. E as imagens que apresentam obras de arte sobre outros temas têm perguntas com um tom de inquirir o informativo “básico”, ou seja, sobre as técnicas das obras, quem realizou, como etc. Não há um adensamento teórico.

Já na página 32 do livro do 8º ano da *Coleção Por toda a Parte*, a reprodução da obra “A ilha” – de Luiz Zerbini – pode exemplificar uma das diversas abordagens pedagógicas em torno do corpo, principalmente quando trata do tema autorretrato e suas representações históricas, não estando atrelada à mistificação de cânones, trazendo assim, “uma imagem de artista”, mais próxima do universo da criança ou do adolescente. Nesse caminho, essa coleção procura estar atenta às diversas características dos adolescentes e jovens.

Trata-se de perceber como esses diferentes corpos representados na arte não se separam, muitas vezes, dos modos como se apresentam os corpos nos espaços da cultura atual, como agem, como se vestem, como se locomovem, como circulam pelas cidades e paisagens nas quais vivem. (PNLD 2017: Arte, p. 29-30).

Pensando não sobre o tema dos índios, mas sobre o tema arte, em alguns livros didáticos de ensino de arte aparecem prescrições aos professores e estudantes, são frases curtas sem aprofundamento sobre o tema em pauta – “avisos” que indicam onde o estudante pode “encontrar” arte, sobretudo nas ruas, para além dos museus. Nessa direção, os autores da coleção iniciam uma conexão entre corpos, arte de rua, arte no cotidiano, mas não desenvolvem com maior profundidade essa ligação. Acredito que não haveria a necessidade de complementação do tópico com textos mais longos, mas pelo menos indicações de leitura ou sites nos quais o estudante pudesse aprofundar o assunto.

Destaco, ademais, que o conceito de representação, além de ser caro a esta pesquisa, é também central na maioria das pesquisas que articulam Estudos Culturais e jovens, por exemplo. Tais estudos permitem entender que há, via de regra, uma reiteração de certas marcas culturais e de certos estereótipos quando os jovens são narrados nas mais variadas imagens. Como afirma Mariana Thomas (2018, p. 64), “é preciso considerar as relações de poder implicadas na representação, bem como os modos como se constituem se negociam se reafirmam ou se contestam os significados numa dada cultura”.

No livro do 6º ano da *Coleção Por toda Parte* (2015), na página 33 vê-se o corpo como instrumento musical, retratando-se a importância de fazer música com o corpo. Assim, os autores marcam um “corpo sonoro” – destacam o exercício de criar músicas tendo o corpo como suporte que produz, por exemplo, a voz (p. 109 do livro). Já na página 47 a linguagem que destaca o corpo é a de evolvê-lo na criação “corpo e texto”. Desta forma, os livros acabam por tão somente descrever ou mostrar os corpos em si, o que acredito não ser o suficiente. Penso que um esforço de percepção, sobre os modos como os corpos são mostrados nos variados discursos presentes nessa mídia impressa, faz-se imprescindível, de maneira a ir além da evidência de meras ações. Trata-se de perceber, dito objetivamente, que em ações como um gesto, um modo de vestir-se, de caminhar, estão presentes certas aquisições sociais, muitas vezes fruto de mimetismos formais ou inconscientes. Segundo Barthes:

O lugar mais erótico de um corpo é *onde o vestuário se entreabre?* Na perversão (que é o domínio do prazer textual) não há “zonas erógenas”... é a intermitência da pele que cintila entre duas peças (as calças e o suéter), entre duas bordas (a camisa entreaberta, a luva e a manga); é essa cintilação que seduz, ou ainda: a encenação de um aparecimento-como-desaparecimento. (2002, p. 9-10).

Mas será que há espaço para falar sobre o erótico de um corpo em um livro didático para o ensino fundamental? Pelos acontecimentos recentes, em relação à censura que atravessa o campo da arte, certos temas, como este, passam a ser “um problema”, ou seja, provocam um pânico moral. Acredito que uma análise mais profunda desses pressupostos sobre os corpos deve selecionar tudo aquilo que é visto – voz, gesto, indumentária, vocabulário. Para Jean-Claude Schmitt (2003), os gestos, as atitudes, os comportamentos individuais:

[...] são aquisições sociais, o fruto de aprendizado e de mimetismos formais ou inconscientes. Se, no entanto, eles parecem ‘naturais’, é porque são o bem comum de uma sociedade inteira e de uma cultura que é preciso poder colocar à distância de modo a compreender seu caráter relativo [...] – [...] se existe, pois, uma história de longa duração, é bem a dos gestos. (SCHMITT, 2003, p. 141).

Uma questão cadente, principalmente nas discussões acadêmicas, onde se forma o professor de ensino de arte, sobre as imagens que são trabalhadas com os jovens, é que, na maior parte das vezes, esse público escolar não se identifica, isto é, muitos estudantes não se veem representados nelas. Talvez aqui, essas imagens citadas, especificamente do volume dessa coleção, alinhem-se ao que Jurandir Freire Costa (2000) nos alerta sobre algo que parece ser inelutável na condição humana: pertencer a um grupo. Segundo o autor essa é a exigência mais *sine qua non* para que nos tornemos sujeitos morais. O grupo, segundo o autor, dever ser “suficientemente sólido e durável para dizer o que devemos ser e ‘por que vale a pena viver!’” (COSTA, 2000, p. 2). E, fazendo uma conexão ao que afirma Costa, que é da área da psicanálise, Lucia Santaella (2004, p. 134) afirma que nessa área, ao tratar das relações entre corpo e sintoma, “o sintoma é um mal-estar que se impões a nós, além de nós e nos interpela”. Ou seja, ainda segundo a autora, o corpo “virou uma ancoragem entre o gozo e os

imperativos da vida em sociedade” (SANTAELLA, 2004, p. 141). Já Francisco Ortega (2008), nessa mesma linha, atende à necessidade de “identificações”, afirma que, “sendo idênticos à norma é que podemos nos esconder. A adaptação a obediência e a identificação com a norma é o refúgio do eu que fez de sua aparência a essência”. Ele ainda afirma que esta vontade, de querer parecer igual ao outro, seria para nos protegermos, escondermo-nos. “Ou somos idênticos ou nos denunciemos” (ORTEGA, 2008, p. 45).

Seguindo esse pensamento, posso arriscar dizer que esses autores, da *Coleção Tear* (2015), oferecem a possibilidade de os estudantes renovarem seus estoques de imagens do corpo físico não só para se verem representados nelas, mas para também aceitarem a apresentação de outros corpos: diferentes, iguais e, ainda, portadores da amplitude que pode ter o conceito de corpo. Aliado a isso, e nesse caso em específico, sugere-se uma visão ampliada do conceito de arte.

Algumas conclusões

Nesse sentido, as discussões propostas nesta pesquisa foram na direção de pensar, reconhecer as disputas travadas no território das identidades culturais, que poderiam nos ajudar a pensar, diante desse recorte de livros selecionados, sobre como se constroem social e culturalmente os corpos masculinos, femininos e tantos outros, marcados pelas culturas e, por que não dizer, pela sua fisiologia. Foi possível averiguar que o corpo nos livros didáticos selecionados recebe sentidos através de diferentes discursos e imagens apresentadas em cada volume das coleções analisadas. Alguns tendo um capítulo inteiro do livro, como no livro do 8º ano da *Coleção Mosaico* (2015), a abordar temas como o corpo relacionado à saúde, ao esporte; também conectado ao afeto, a um corpo que pensa. Investem também nas

imagens de artistas, como as da fotógrafa Diane Arbus (1923-1971), apresentando fotos de pessoas com Síndrome de Down – nesse item, para associar corpo x diferença. A maioria dos livros, todavia, aborda o corpo (tanto desta como das outras coleções aqui em foco) de maneira muito genérica, com um aprofundamento menor ao que o tema de fato merece.

Evidentemente não foquei somente aqui nas velhas ou novas representações do corpo na arte ou nos livros didáticos, com a ideia de que representação comporta também distanciamento, pela razão de não haver mais representação absoluta, seja do corpo ou de outros temas. Pensando a presença do corpo na contemporaneidade e nesses livros selecionados, a ideia foi a de averiguar, modestamente, o tanto que essas imagens, nesses livros, podem impactar a construção desse conceito para estudantes e professores/as. Nesse caminho, a pesquisa buscou examinar as pluralidades imagéticas e discursivas sobre os corpos esboçadas nas mais diferentes narrativas e imagens, demarcando, dessa forma, superfícies de emergência, mostrar onde e como elas podem surgir.

Finalizando com Thomas (2018, p. 78), acredito também que as análises dos livros didáticos configuram-se como exercício indispensável para examinarmos “os campos do saber que se constituem, para contestar certas representações e para permitir que se realizem revisões em formas preconceituosas de referência aos outros povos e culturas”.

Referências

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BONIN, Iara Tatiana. Povos indígenas na rede de temáticas escolares: o que isso ensina sobre identidades, diferenças e diversidade? *Currículo sem Fronteiras*, v. 10, n. 1, p. 73-83, jan./jun. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. PNLD. Disponível em <http://www.fnde.gov.br/pnld-2017/>. Acesso em: 28 de out. 2016.

COSTA, Jurandir Freire. *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise B. de (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

ECO, Humberto. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ECO, Humberto. *História da feiúra*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FERRARI, Solange dos Santos Utuari *et al.* *Por toda a parte*: 8º ano. São Paulo: FTD, 2015.

LUPTON, Débora. Corpos, prazeres e práticas do eu: produção do corpo. *Revista Educação & Realidade*, v. 25, n. 2, p. 15-48, jul./dez. 2000.

MEIRA, Beá *et al.* *Projeto Mosaico: arte: ensino fundamental*. São Paulo: Scipione, 2015.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PEREIRA, Denis Rafael (ed.). *Projeto Araribá: Arte*. São Paulo: Moderna, 2014.

PNLD. Disponível em <http://www.fnde.gov.br/pnld-2017/>. Acesso em: 28 out. 2016.

Por toda a parte, 8º ano/ Solange dos Santos; Utuari Ferrari... [*et al.*]. São Paulo: FTD, 2015.

Projeto Araribá: arte/ organizadora Editora Moderna; obra coletiva concebida, desenvolvida pela Editora Moderna; editor responsável Denis Rafael Pereira. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2014.

Projeto Mosaico: arte: ensino fundamental/ Beá Meira... [et al.]. 1.ed. São Paulo: Scipione, 2015.

Representações do corpo em cinco livros didáticos de ensino de arte

SANTAELLA, Lucia. *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHMITT, Jean-Claude. A moral dos gestos. In: SANT'ANNA, Denise B. de (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SILVA, Gisele Costa Ferreira da. *Livros didáticos para o ensino de arte: diálogos, práticas e (des)caminhos*. UFG, 2009. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

TEAR: arte, 6º ano: anos finais: ensino fundamental. São Paulo: Edições SM LTDA, 2015. Vários autores.

THOMAS, Mariana Schnorr. *O que se pode aprender sobre artes dos povos indígenas em livros didáticos de arte/ensino médio*. ULBRA, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, ULBRA, 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CELSO VITELLI

Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da UFRGS. Atualmente é professor do Instituto de Artes da UFRGS nos cursos de graduação em Artes Visuais: bacharelado e licenciatura. Tem experiência na área de Educação com ênfase no ensino de arte, atuando principalmente nos seguintes temas: arte, masculinidades, adolescência e juventude.

Contato: celso.vitelli@ufrgs.br | celso.vitelli@gmail.com